



Honduras e a Mídia: a Rádio Globo de Tegucigalpa Como Forma de Resistência ao Golpe de Estado¹

Daniella Fernandes CAMBAÚVA²
Faculdade Cásper Líbero (FCL), São Paulo, SP

RESUMO

O presente artigo se propõe a fazer um breve relato do golpe de Estado que, em 2009, depôs o então presidente hondurenho, Manuel Zelaya, e a analisar a abordagem feita pela imprensa local, assim como as relações que permeiam a política, a economia e a mídia do país centroamericano. Para abordar o tema, o enfoque escolhido foi a rádio *Globo*, um dos únicos meios de Honduras a fazer oposição ao golpe e a dar espaço, em seu noticiário, aos movimentos populares de resistência. A bibliografia utilizada para traçar as relações políticas foi, principalmente, CALDERÓN (2009) e GONZALEZ (2009). Por se tratar de um fato novo, a metodologia se valeu também de depoimentos pessoais coletados pela pesquisadora a fim de registrar a contribuição da rádio *Globo* como contraponto ao governo interino. Por fim, espera-se dar sequência a esta pesquisa e desenvolver os aspectos mencionados no artigo.

PALAVRAS-CHAVE: Honduras; Golpe de Estado; Rádio Globo; Manuel Zelaya.

1 INTRODUÇÃO

Quando os hondurenhos despertaram na manhã do dia 28 de junho de 2009, telefones celulares pegavam com dificuldade e apenas em algumas regiões do território nacional, com frequentes interrupções. O serviço do telefone fixo e o sinal de internet estavam igualmente ruins; transmissões por emissoras de televisão e de rádio haviam sido cortadas e a energia elétrica estava instável. Sem comunicação, eles tentavam entender o que estava acontecendo no país naquele domingo. Horas antes, o então presidente Manuel Zelaya Rosales, filiado, na ocasião, ao Partido Liberal, havia sido tirado à força da residência oficial por duzentos militares armados. Zelaya, ainda vestindo pijama, foi levado à Costa Rica. Honduras sofria um golpe de Estado, o

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero (2010). Email: daniellacambauva@gmail.com



primeiro em trinta e um anos,³ atingindo a memória daqueles que vivenciaram o campo de batalhas que a região havia sido durante a Guerra Fria.

Conforme relatou o jornalista e cientista político Manuel Torres Calderón (2009, p. 68), formou-se, a partir da deposição de Zelaya, um “cerco midiático” e a “censura foi imposta em todas as manifestações possíveis de resistência”:

Zelaya Rosales foi capturado entre 5h e 5h30 e nenhuma das grandes cadeias de rádio e de televisão informou de imediato, mas esperaram algum tipo de ordem. Em uma das principais emissoras de rádio, o locutor disse: “temos uma informação importante, mas não vamos especular, mas esperar a confirmação oficial”, e ao finalizar seu turno da noite, outro jornalista afirmou: “tivemos um lindo dia”, definindo um padrão de conduta inalterável ao longo do conflito (CALDERÓN, 2009, p. 68).

Algum tempo depois, a repercussão na imprensa local começou e as atenções das editorias internacionais dos meios de comunicação se voltaram para Honduras. Os jornais hondurenhos de maior circulação – *El Herald*, *Tiempo*, *La Tribuna* – noticiavam o fato, porém, como uma mera transição de poder, de Zelaya para Roberto Micheletti – então presidente do Congresso Nacional, designado para se tornar o presidente interino. Conforme reforça o relato do jornalista Mike Gonzalez (2009), “TV e rádio foram censuradas e duas populares estações de rádio (*Globo* e *Progreso*) imediatamente fechadas”.

O grupo que depôs o então presidente Zelaya (a saber, como veremos: uma parte do Partido Liberal, o Partido Nacional – de oposição –, as forças armadas e a maior parte do empresariado) não retrocedeu, apesar das sanções internacionais aplicadas.⁴ Nos meses que se sucederam à queda de Zelaya, Honduras se tornou palco de intensas mobilizações sociais, favoráveis e contrárias ao presidente deposto. A rádio *Globo* – que não tem qualquer ligação com as Organizações Globo do Brasil – foi um dos poucos veículos a consolidar-se como porta-voz daqueles que se opunham ao governo interino. E é sobre este aspecto, o papel que a cobertura dessa emissora desempenhou no pós-golpe, que pretendemos nos debruçar neste artigo.

³ O último golpe de Estado em Honduras aconteceu em 1978, quando o então presidente, coronel Juan Alberto Melgar Castro, foi deposto por uma junta militar.

⁴ Honduras foi suspensa da OEA (Organização dos Estados Americanos), sofreu sanções do FMI (Fundo Monetário Internacional) e da União Europeia, além de ter sido criticada pela ONU (Organização das Nações Unidas).



2 HONDURAS: ASPECTOS POLÍTICOS E ECONÔMICOS

Segundo país mais pobre da América Central,⁵ Honduras caracteriza-se por ter a maior parte da população (55% dos 7.415.972 habitantes)⁶ vivendo na zona rural e pelo crucial papel que a agricultura desempenha na economia. O setor era, e continua sendo, responsável por 12,4 % do PIB (Produto Interno Bruto) do país, que é de 33,44 bilhões de dólares. Em 2009, dois terços da mão-de-obra hondurenha trabalhavam na agricultura voltada para exportação, tendo como principais produtos da pauta do comércio exterior o café e a banana. É pela histórica dependência da produção de bananas que Honduras é chamada, pejorativamente, de “república das bananas” (GONZALEZ, 2009).

Os Estados Unidos eram, em 2009, destino de 70% das exportações hondurenhas. E era também dos Estados Unidos de onde, na época, se originavam mais de 50% das importações. A dependência da economia norte-americana não estava apenas no comércio exterior: 33% do PIB eram constituídos por remessas enviadas por hondurenhos que lá trabalhavam, seja legal ou ilegalmente.

De acordo com o *World Factbook* da CIA⁷, Honduras “tem distribuição de renda extremamente desigual de renda e alto índice de desemprego”, com 50% de sua população vivendo abaixo da linha da pobreza.

Durante a Guerra Fria, a América Central passou por diversas intervenções armadas, crises institucionais e sofreu, ao todo, 15 golpes de Estado nos últimos 50 anos. A região parecia estratégica para os Estados Unidos, analisa Marcelo Sobrinho, mestre em política latino-americana pelo Prolam – Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo:

Em uma perspectiva histórica, as relações entre os Estados Unidos e os países da América Central sempre foram marcadas pela ingerência norte-americana nos assuntos internos e por recorrentes episódios de intervencionismo militar, seja para a preservação de seus interesses na região, seja por questões de segurança nacional (SOBRINHO, 2009, depoimento pessoal).

⁵ Segundo dados do *World Factbook* da CIA. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ho.html>. Acesso em 7 jun. 2011.

⁶ Segundo o INE (Instituto Nacional de Estatística). Disponível em: <http://www.ine.gob.hn/drupal/> Acesso em: 7 jun. 2011.

⁷ Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ho.html>. Acesso em: 7 jun. de 2011.



Em 1982, Roberto Suazo Córdova, médico e político liberal, foi o primeiro presidente civil eleito em Honduras em quase um século de administração militar. Nos anos seguintes, não houve golpes e os mandatários eleitos – todos empresários ou latifundiários – conseguiram exercer seus mandatos até o final. Sob governos civis, pode-se dizer que a presidência hondurenha era revezada entre os tradicionais Partido Nacional e Partido Liberal, os maiores do país, ambos de orientação conservadora.

Em 2005, Manuel Zelaya foi eleito com 49,9% dos votos a partir de uma plataforma conservadora. Na campanha eleitoral, o candidato, filiado ao Partido Liberal desde 1970, apresentou-se como um empresário de centro-direita, seguindo as diretrizes da legenda. Segundo Luiz Fernando Ayerbe (2009), ele começou a desagradar setores conservadores da sociedade quando promoveu o ingresso de Honduras na Alba (Alternativa Bolivariana para as Américas),⁸ aproximando-se assim de governos considerados progressistas, como o do presidente venezuelano Hugo Chávez e do equatoriano Rafael Correa, cujas relações diplomáticas com os Estados Unidos estavam desgastadas.

Sabia-se que, para aquele 28 de junho, estava previsto o “Referendo da Quarta Urna”: os hondurenhos escolheriam se, em 29 de novembro, data das eleições gerais, haveria uma quarta urna por meio da qual seria formada uma Assembleia Constituinte, encarregada de redigir uma nova Constituição. A atual Carta Magna (a mesma vigente à época) data de 1982, fim da era militar.

Alguns membros do Congresso hondurenho, parte do setor empresarial e das Forças Armadas se opuseram duramente à ideia de reformar a Constituição, alegando que o real objetivo de Zelaya era alterar uma das cláusulas pétreas do documento: a que proíbe a reeleição. Assim, ele estaria criando um mecanismo para se perpetuar no poder.⁹ Segundo Calderón (2009), para os setores articuladores do golpe, a justificativa era simples: “ou dávamos nós [o golpe], ou Zelaya nos dava”.

3. A IMPRENSA HONDURENHA

⁸ Honduras ingressou a Alba, entidade em que a figura do presidente da Venezuela é eminente, em 26 de agosto de 2008, com forte oposição do *Consejo Hondureño de la Empresa Privada* (COHEP), da Câmara de Comércio e Industrias de Tegucigalpa (CCIT), dos empresários das maquiladoras (indústria montadora), do partido opositor, o Partido Nacional, e de setores do partido Liberal, ao qual Zelaya pertence, liderados pelo vice-presidente Elvin Santos.

⁹ No dia do golpe, o COHEP (Conselho Hondurenho da Empresa Privada) publicou comunicado em apoio à saída de Zelaya do poder.



Para Manuel Torres Calderón (2009, p. 70), a concentração de renda desigual e a pobreza características da sociedade hondurenhas provocaram reflexos na imprensa:

Honduras é uma sociedade que durante anos teve índices muito baixos de acesso às diversas tecnologias de comunicação, tanto nas relações interpessoais como aquelas de caráter público. A telefonia estava ao alcance de poucos e a informação pública se concentrava em poucos veículos impressos e eletrônicos, a maioria localizados nas duas principais cidades (Tegucigalpa e San Pedro Sula) (CALDERÓN, 2009, p. 70).

Esse panorama se alterou um pouco ao longo dos anos 1990, e o país já contava, em meados de 2009, com 300 emissoras de rádio (incluindo AM e FM) e uma centena de emissoras de televisão (incluindo nacionais e regionais), com a possibilidade, inclusive, de ser contratado o serviço de canais estrangeiros como *CNN* e a multiestatal sulamericana *Telesur*.

A imprensa sofria constante influência política, já que as concessões da maioria desses meios está nas mãos de dirigentes políticos e de empresários. E, segundo o estudo de Calderón (2009, p. 71), “seis são as grandes famílias midiáticas de Honduras, as mais influentes e ricas, e delas, cinco assumiram compromissos a favor do golpe”.

4. O GOLPE SOB AS LENTES DA MÍDIA

Na edição da segunda-feira, 29 de junho, a primeira após a deposição, nenhum dos grande diários (*La Tribuna*, *El Heraldo* e *Tiempo*) mencionou em suas capas a palavra “golpe”. A manchete do *La Tribuna* foi “R. Micheletti sucede a Mel”, com uma chamada para “Manuel Zelaya vai à Costa Rica”. No canto inferior direito, o mascote do jornal, o Tribunito, dizia: “Desta vez, a ‘quarta’ foi vencida”, em referência à quarta urna. De acordo com o jornalista hondurenho Renan Tulio Martinez (2009), um dos editores do *La Tribuna*, as manifestações contra o golpe não foram noticiadas pela imprensa local e os meios de comunicação já se preparavam para noticiar que “Micheletti iria acabar com a fome e com a falta de segurança”.



Figura 1: Reprodução das capas do dia 29/6/2009 dos jornais *Tiempo*, *El Heraldo* e *La Tribuna*

As emissoras de rádio *América* e *HRN* não noticiaram a deposição: apenas pediam aos hondurenhos que voltassem às atividades normais porque a transmissão de energia elétrica não tardaria a ser restabelecida. Os canais de TV *Cubavisión Internacional*, *CNN* em espanhol e *Telesur* tiveram a transmissão bloqueada.

De acordo com Gonzalez (2009, on-line), “as reportagens em Honduras tiveram tom de gozação, como se o golpe fosse apenas mais um episódio da república de bananas e seus golpes regulares”.

Por conta desse enfoque na cobertura, Calderón classificou aquele 28 de junho e os acontecimentos subsequentes como “golpe militar, empresarial, político e midiático”. E sua análise vai além: os meios de comunicação estiveram no centro de tais disputas políticas:

O papel dos grandes meios de comunicação na crise não é dissonante ao seu comportamento tradicional, mas surpreende o empenho golpista manifestado, tanto que fomentou no debate o tema do terrorismo midiático, entendido como o uso convencional ou não convencional dos meios de comunicação como armas de guerra (CALDERÓN, 2009, p. 63).



Enquanto a maior parte da imprensa hondurenha, sob intervenção dos militares, noticiava apenas justificativas para a deposição, umas das trezentas emissoras do país, a rádio *Globo*, tomou rumo diferente e passou por mudanças radicais desde então. De acordo com relatos do jornalista hondurenho Rony Martinez (2009), um dos radialistas que integrava a equipe na época, antes de 28 de junho, o veículo disputava o terceiro lugar na audiência nacional e o foco da programação era música, embora houvesse, eventualmente, veiculação de notícias. No dia do golpe, estava prevista o noticiário com a cobertura da consulta popular. Martinez relata que a intervenção dos militares na rádio foi imediata:

Quando chegamos à rádio às 5h45 da manhã ela estava tomada por militares. Não sabíamos o que acontecia em Honduras. Eles disseram que tinham tomado o mando do país e que não poderíamos entrar na rádio. Insistimos muito e nos comprometemos a transmitir sem dizer o que passava. Mas uma vez lá dentro, não informar a população era um crime de lesa-humanidade. Tinham derrubado o Presidente, havia pessoas nas ruas, todos os prédios oficiais estavam ocupados, tinham cortado a eletricidade. Perguntei a David Romero, diretor da emissora, o que estava acontecendo e ele me disse: houve um golpe de Estado (MARTINEZ, 2009, depoimento pessoal).

O relato do radialista hondurenho dá conta ainda de que às 6h30, dez minutos depois do início transmissão, os transmissores em nível nacional foram cortados. Foi então que os técnicos da *Globo* começaram usar a frequência de uma rádio comunitária em Tegucigalpa para conseguir continuar no ar. Para que o conteúdo pudesse ser ouvido também em outros países, a emissora passou, pela primeira vez em seus dez anos de existência, a operar pela internet.

Com isso, a rádio *Globo* deixou a programação musical para transmitir os acontecimentos políticos, durante todos os dias e todas as noites, sem interrupções, a partir de relatos feitos por telefone pelas pessoas que estavam nas ruas. Como o enfoque da emissora – de repúdio à intervenção militar na política e à deposição de Zelaya – destoava completamente daquele dado pelos outros veículos da imprensa hondurenha, a rádio se tornou porta-voz dos que se opunham ao golpe. Não tardou para que o governo interino tentasse, novamente, controlar a programação, segundo Rony Martinez:

Nós cumpríamos uma missão importantíssima, dizendo ao mundo o que acontecia em Honduras. Muitas rádios comunitárias, alternativas,



de outros países começaram a retransmitir nosso sinal. A voz correu de forma incrível. Ao meio-dia, recebemos uma chamada das Forças Armadas para nos calarmos. Do contrário, nos tirariam de lá a tapas. Seguimos transmitindo, com o povo informando por telefone o que acontecia. Às 17h30 ligaram de novo. Já estava tudo armado para a gente sair do ar e transmitir pela internet de um lugar clandestino, quando arrombaram os portões do edifício. Vimos homens encapuçados, com armas. Nos jogaram no chão, engatilharam as armas, nos levaram em um caminhão militar. Achei que iam desaparecer com a gente. Diziam que não podíamos chamar o povo à insurreição. Mas os ouvintes ligavam contando que os militares estavam matando pessoas (Idem).

A rádio retomou a programação na segunda-feira, 29 de junho. Com medo, os jornalistas davam informações contra o governo de Roberto Michelletti, sem citar nomes. Às vezes, o sinal da transmissão era cortado nas regiões em que os enfrentamentos entre manifestantes e o Exército eram mais intensos. A situação permaneceu assim até 21 de setembro, quando Zelaya deixa o exílio e tenta regressar a Honduras e fica na Embaixada do Brasil em Tegucigalpa.

O governo emitiu um decreto restringindo todas as manifestações de rua e impôs uma série de restrições aos meios de comunicação. No dia 28 de setembro, às 5h30, a rádio foi invadida por cerca de cem homens, que começaram a arrombar os portões, segundo Martinez:

Estávamos ao vivo. Abri a cabine e coloquei o áudio no ar. Os meios internacionais acompanharam tudo, viram quando violaram o direito do povo hondurenho à informação e à liberdade de expressão. Mas no mesmo dia, de um local escondido em Tegucigalpa, voltamos a transmitir clandestinamente pela internet. Como alguém podia nos denunciar, não saíamos de onde estávamos. Mas conseguimos fazer a ponte com rádios alternativas, e a mensagem foi passada (Ibidem).

A clandestinidade durou até 19 de outubro, quando, por pressão internacional, caiu a vigência do decreto:

Voltamos ao ar com o hino nacional. As pessoas buzinavam em comemoração. Tínhamos sete linhas de telefone e todas ficavam congestionadas. Era o jornalismo cidadão. Passou a ser uma rádio do povo. Hoje, estamos em primeiro lugar (Ibidem).



Por fim, a rádio Globo favoreceu os manifestantes que tomaram as ruas de Honduras após a deposição de Zelaya, dando a eles espaço em sua programação por meio da difusão de notícias que denunciavam o desaparecimento de opositores. Parte dessa oposição formou o grupo chamado Frente Nacional de Resistência ao Golpe. Seis meses depois, a organização, já com 1,5 mil integrantes, passou a se autodenominar Frente Nacional de Resistência Popular de Honduras e, em maio de 2011, solicitou sua inscrição como partido político apto para participar das eleições de 2013.

A cobertura da rádio *Globo* rendeu à emissora, em 2009, o prêmio Ondas, criado e outorgado pela rádio *Barcelona* e pela Sociedade Espanhola de Radiodifusão, “pela defesa da liberdade de expressão e pelo exercício exemplar de jornalismo a nível nacional e internacional”.

A nova programação da rádio permaneceu. Atualmente, a maior parte da grade é voltada para noticiário com foco em política (com os programas Notícias Rádio Globo; Na praça, Em busca da verdade, Três na notícia; Notícias Rádio Globo meio-dia; Interpretando a notícia; Plano "C"; Em fórum e Fogo cruzado). Fora do assunto política, há o programa Mundo Natural e duas horas de música. A emissora lidera a audiência em Honduras e segue fazendo transmissão ao vivo pela internet.

Sob protestos, as eleições gerais previstas para 29 de novembro de 2009 foram realizadas e o vencedor, Porfírio Lobo, do Partido Nacional, assumiu o cargo em janeiro de 2010. Em maio de 2010, seu governo criou a Comissão da Verdade e Reconciliação sob o comando do ex-vice-presidente da Guatemala Eduardo Stein, juntamente da reitora da Universidade Nacional Autônoma de Honduras (Unah), Julieta Castellanos, do jurista Jorge Omar Casco, do advogado Michael Kergin Amadilia e da diplomata peruana María Zavala.

Em maio de 2011, Zelaya retornou a Honduras depois de 16 meses de exílio na República Dominicana e se mantém atuante na política como presidente da Frente Nacional de Resistência Popular.

Em 07 de julho de 2011, a Comissão divulgou um documento concluindo que o golpe de Estado de 2009 foi inconstitucional, mas não determinou qualquer punição aos setores articuladores da deposição de Zelaya.



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O golpe de Estado de 2009 evidenciou a estreita relação entre a política, o poder econômico e a imprensa em Honduras. Este artigo enumera as principais características do país, faz um breve relato dos conflitos subsequentes à queda de Manuel Zelaya e procura destacar o enfoque dado pela mídia local, retratando, em especial, o caso da rádio *Globo* de Tegucigalpa.

A emissora, cuja programação foi, durante quase dez anos, voltada para entretenimento, desempenhou papel fundamental ao fazer contraposição às notícias que eram veiculadas pelo restante da imprensa hondurenha, que minimizava as ações dos defensores de Zelaya e omitia a repressão do governo de Roberto Michelletti. A *Globo* tornou-se importante porta-voz dos movimentos de resistência ao golpe e permitiu que relatos feitos pela população fossem transmitidos não apenas para Honduras, mas também para todo o mundo.

Por se tratar de um tema recente, com escassa bibliografia, a principal metodologia aplicada foi a coleta de depoimentos de jornalistas hondurenhos que participaram da cobertura dos conflitos e de especialistas em temas relacionados à América Central que acompanharam os fatos na época. Longe de esgotar o assunto, o objetivo é dar continuidade a pesquisas relacionadas à e, desta forma, contribuir para o debate.

6. REFERÊNCIAS

AYERBE, Luiz Fernando. 2009. Entrevista concedida a Daniella Cambauva.

BRIGGS, A; BURKE, P. **Uma história social da mídia:** de gutemberg à internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

CASSEL, Doug. Honduras: coup d'etat in constitutional clothing? **The American Society of International Law (ASIL)**, v. 13, 2009. Disponível em <http://www.asil.org/files/insight090729pdf.pdf>. Acesso em: 27 set. 2009.

CERVO, Amado Luiz (Org.). **Relações Internacionais da América Latina:** velhos e novos paradigmas. Brasília: FUNAG e IBRI, 2001.

GUTIÉRREZ, Norma C. Honduras: constitutional law issues. **The Law Library of Congress**, ago. 2009. Disponível em:



[http://schock.house.gov/UploadedFiles/Schock CRS Report Honduras FINAL.pdf](http://schock.house.gov/UploadedFiles/Schock_CRS_Report_Honduras_FINAL.pdf).

Acesso em: 27 set. 2009.

MARCELO, Arias. Golpe de Estado em Honduras: perspectiva do diário argentino La Nación. **Hologramatica**, Buenos Aires, v. 2, n. 14, jan. 2011. Disponível em: <http://cienciared.com.ar/ra/doc.php?n=1477>. Data de acesso: 22 fev. 2011.

MARTINEZ, RONY. 2009. Entrevista concedida a Daniella Cambauva.

MARTINEZ, Renan Tulio. 2009. Entrevista concedida a Daniella Cambauva.

MARTINS, F. **Jornalismo Político**. São Paulo: Contexto, 2005.

SOBRINNO, Marcelo. 2009. Entrevista concedida a Daniella Cambauva.

VADELL, Javier. O golpe na democracia de honduras e o papel do brasil. **Em Debate**, v. 1, n. 2, p. 32-35, out. 2009. Disponível em:

http://www.opiniaopublica.ufmg.br/emdebate/PERIODICO_OUT_2009.pdf. Acesso em:

ZACLIS, Lionel. **À luz da Constituição, não houve golpe em Honduras. Consultor Jurídico. Disponível em: <http://www.conjur.com.br/2009-set-22/apoio-zelaya-despreza-processo-constitucional-hondurenho-deposicao>. Acesso em: 27 set. 2009.**